

Balanço Fitossanitário Alentejo 2016

Do ano vitícola de 2015/2016 destacam-se as condições meteorológicas verificando-se este verão o mais quente desde que existem registos (135 anos). As temperaturas médias registadas durante o período Outono Inverno foram amenas em todas as sub regiões vitícolas do Alentejo, quando comparadas com as temperaturas médias registadas em anos anteriores. Estas temperaturas deram origem a um adiamento da entrada em repouso vegetativo por parte da videira facto comprovado pelo choro tardio das plantas durante a poda. A precipitação no mesmo período, outono/inverno, foi insuficiente para o armazenamento de água no solo. Para o período da Primavera destacamos a irregularidade da rebentação/abrolhamento, independentemente da casta e localização. Os meses de Abril e Maio caracterizaram-se pela precipitação elevada condicionando as fenologias, tornando-as irregulares, principalmente a floração, que na maioria das sub regiões atrasou entre 12 a 15 dias.

Precipitação acumulada Outubro 2015 a Setembro 2016

Borba	717 mm
Redondo	629 mm
Reguengos	474 mm
Vidigueira	474 mm
Evora	451 mm
Portalegre	674 mm

Nas restantes fases do ciclo vegetativo bago de ervilha, fecho do cacho e pintor , que coincidem com os meses de Junho, Julho e Agosto destacamos as temperaturas médias elevadas em todas as regiões vitícolas que condicionaram e muito o desenvolvimento da vinha, levando a um atraso como anteriormente referido do ciclo vegetativo da videira e por conseguinte na maturação das uvas.

Evolução dos aspectos fitossanitários doenças e pragas

Mildio (*Plasmopara vitícola*)

As condições meteorológicas durante o repouso vegetativo proporcionaram a maturação da forma hibernante do míldio, e as precipitações elevadas ocorridas nos meses de Abril e Maio, conjugadas com temperaturas favoráveis, embora com algumas oscilações, originaram infeções primárias e secundárias de míldio com incidência acima do normal, obrigando a um maior número de tratamentos preventivos e curativos.

A partir de fim de maio/junho as condições de temperatura, precipitação e humidade relativa tornaram-se pouco favoráveis à evolução da doença, o que, conjugado com os tratamentos curativos do período anterior, levou à perda de atividade da maioria dos inóculos ativos.

No entanto destacamos a sub região da Vidigueira com forte incidência do parasita na casta Antão Vaz, originando perdas significativas. Nas restantes sub regiões podemos dizer que os prejuízos se resumiram a alguns talhões não sendo significativos os prejuízos para a produção final.



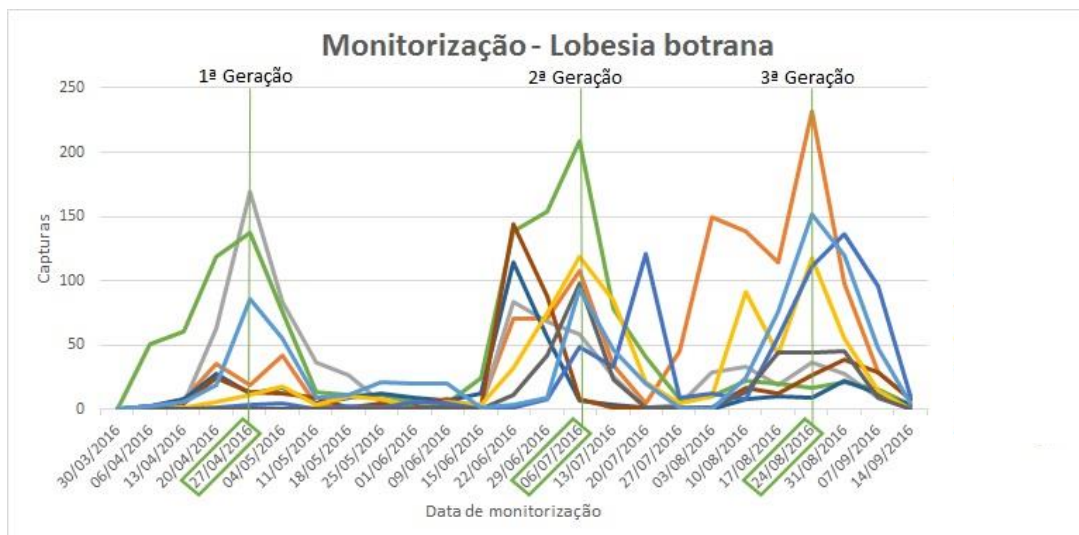
Oídio (*Erysiphe necator* Schwein)

A precipitação de Primavera desfavoreceu o inóculo de oídio nas vinhas em geral, este facto associado por um lado ao maior número de tratamentos preventivos anti-oídio (associados aos tratamentos anti-míldio) e também por outro lado à redução significativa da humidade relativa a partir do final de maio/junho, levaram a que a incidência da doença tenha sido baixa. Na sub região de borba destacamos a ocorrência das primeiras infeções em 15 de Abril. O período de maior presença da doença verificou-se em maio e junho, obrigando a que se adoptasse uma estratégia de protecção fitossanitária mais apertada. Em algumas parcelas foram efectuadas intervenções de forma “curativa”, até ao fecho do cacho inicio do pintor verificando-se estragos que resultaram em prejuízo.



Traça-da-uva (*Lobesia botrana* Schiff)

Os dados recolhidos nos POB's em cada uma das sub regiões vitivinícolas do Alentejo evidenciam valores populacionais (capturas em armadilha delta) considerados normais para cada uma das regiões no entanto são inferiores aos dos dois últimos anos, em que se verificou com alguma preocupação uma incidência mais elevada desta praga. Na sub região de Borba esta praga é considerada como inimigo obrigatório a combater devido aos estragos causados principalmente pela segunda geração coincidindo esta com o fecho dos cachos. No entanto quer na sub região de Redondo quer na de Borba a terceira geração foi mais elevada que o habitual mas sem estragos na uva à vindima. Destacamos também a presença desta praga em zonas do Alentejo nas quais não era habitual a sua presença, referimo-nos á sub região vitícola da Vidigueira e Reguengos de Monsaraz



curva de voo traça 2016(



captura em armadilha e estragos da traça 2016

Cigarrinha Verde

Em todas as sub regiões vitivinícolas do Alentejo verificaram-se os níveis normais para a praga sendo necessário apenas um tratamento quando foi atingido o NEA da praga o qual se verificou eficaz . No entanto é de referir que se têm verificado ataques de cigarrinha verde por vezes bastante intensos já próximo da vindima, ficando limitado o seu combate devido ao risco de incumprimento do intervalo de segurança de alguns insecticidas.



estragos cicadela 2016

Aranhão Amarelo (*Tetranychus urticae* Koch)

Ano após ano temos assistido à presença sistemática deste parasita nas nossas vinhas. Dada a sua capacidade e característica reprodutiva, quando não controlado nas primeiras fases do seu ciclo torna-se numa praga devastadora, causando estragos avultados e irreversíveis para as vinhas, traduzindo-se em perda de rendimento para os viticultores. Na sub região de Redondo as condições meteorológicas do período de Verão, por serem bastante favoráveis a esta praga termófila, deixavam antever uma incidência elevada da mesma, mas tal não veio a acontecer, tendo sido registados poucos estragos e realizados poucos tratamentos, claramente abaixo da média para a região em idênticas condições climáticas em anos anteriores. O mesmo não se verificou na sub região de Borba, Reguengos e Vidigueira em 2016 os ataques iniciaram-se no fim de Maio/ Junho sendo necessário a intervenção para controlo da praga. As características meteorológicas do ano, tempo seco, temperaturas elevadas, assim como as práticas culturais, de onde destacamos, os enrolamentos permanentes semeados ou espontâneos, locais privilegiados de abrigo e reprodução da praga, a manutenção da lenha de poda nas parcelas e o desconhecimento por parte dos viticultores dos sintomas iniciais da praga nas folhas contribuem para a sua propagação. A falta de soluções químicas eficazes para o seu controlo e a ineficácia das medidas culturais adoptas leva-nos a olhar o futuro com alguma preocupação no seu controlo.



Estragos 2016 aranha amarelo

Doenças de lenho

A precipitação ocorrida na primavera originou que os pínidios libertassem os seus esporos e contaminassem as jovens folhas com escoriose, a doença acabou por ter pouca expressão resumindo-se às castas de maior sensibilidade. Devido às condições de elevado stress hídrico e térmico no período de verão, a incidência de doenças de lenho do tipo die-back (esca, BDA, eutipiose, etc.) foi superior ao normal, com particular destaque na casta Aragonês.